

# Urdimento

REVISTA DE ESTUDOS EM ARTES CÊNICAS  
E-ISSN 2358.6958

## Perceber-fazer florestas com mesas de trabalho em tempos de ruínas e precariedades

Susana Oliveira Dias | Tiago Amaral Sales | Emanuely Miranda  
Mariana Vilela | Larissa de Souza Bellini | Natália Aranha

Para citar este artigo:

DIAS, Susana Oliveira; SALES, Tiago Amaral; MIRANDA, Emanuely; VILELA, Mariana; BELLINI, Larissa de Souza; ARANHA, Natália. Perceber-fazer florestas com mesas de trabalho em tempos de ruínas e precariedades. **Urdimento** – Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 1, n. 57, abr. 2026.

 DOI: 10.5965/1414573101572026e0303

Este artigo passou pelo *Plagiarism Detection Software* | iThenticate



A Urdimento esta licenciada com: [Licença de Atribuição Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) – (CC BY 4.0)



## Perceber-fazer florestas com mesas de trabalho em tempos de ruínas e precariedades<sup>1</sup>




Susana Oliveira Dias<sup>2</sup> | Tiago Amaral Sales<sup>3</sup> | Emanuely Miranda<sup>4</sup> |  
Mariana Vilela<sup>5</sup> | Larissa de Souza Bellini<sup>6</sup> | Natália Aranha<sup>7</sup>




### Resumo




Em tempos de ruínas e precariedades (Tsing, 2019, 2022), busca-se percorrer um caminho fabulativo com as “mesas de trabalho”, um dispositivo de criação artística coletiva que deseja perceber-fazer floresta ao se inventar em companhias com os seres mais que humanos, como aves, vírus, plantas e sapos. Dedicou-se a pensar com quatro mesas de trabalho que aconteceram durante uma residência artística e mostrar como tais relações com espécies companheiras (Haraway, 2021, 2022) favorecem a ativação e engajamento dos corpos (Greiner, 2017) em simbioses, em performances multiespécies. As mesas pressupõem a florestania (Krenak, 2022) como gesto político diante do Antropoceno.




**Palavras-chave:** Mesa de trabalho. Floresta. Divulgação científica e cultural. Artes multiespécies. Precariedade.




---



1 Revisão ortográfica, gramatical e contextual do artigo realizada por Tascieli Feltrin. Doutorado e Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Graduada em Letras – Português e Espanhol (FMC).  tascielifeltrin@gmail.com  
 <http://lattes.cnpq.br/5820005433405126>  <https://orcid.org/0000-0002-4018-674>




2 Pós-doutorado em artes pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Doutorado e Mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Pesquisadora (PqA) do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) da Unicamp. Especialização em Jornalismo Científico pela Unicamp. Graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).  susana@unicamp.br  
 <http://lattes.cnpq.br/5698405999655776>  <https://orcid.org/0000-0001-5814-7847>

3 Pós-doutorado em Divulgação Científica e Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Doutorado e Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Bacharelado e Licenciatura em Ciências Biológicas pela UFU. Professor nos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Ciências Biológicas (ICENP) e nos Programas de Pós-Graduação em Educação (PPGED) e em Educação Básica (PPGPEDU) da UFU.  tiagoamaralsales@gmail.com  
 <http://lattes.cnpq.br/2295345372533795>  <https://orcid.org/0000-0002-3555-8026>

4 Mestrado em Divulgação Científica e Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Graduação em Jornalismo pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp). Faz parte do Grupo de pesquisa multiTÃO, da Revista ClimaCom, da Rede Latino-americana de Divulgação Científica e Mudanças Climáticas e do Laboratório de Mídias Digitais e Internet.  
 emanuelymiranda.em@gmail.com  
 <http://lattes.cnpq.br/9083085676107174>  <https://orcid.org/0000-0001-6372-0708>

5 Mestrado em Divulgação Científica e Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Bacharelado em Letras (FSB). Formação técnica em teatro pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Participa do grupo de pesquisa multiTÃO: prolifer- artes sub-vertendo ciências educações e comunicações (CNPq-Labjor-Unicamp) e faz parte da Rede Latino-americana de Divulgação Científica e Mudanças Climáticas do INCT.  nnanavl@gmail.com  
 <https://lattes.cnpq.br/3005728160032155>  <https://orcid.org/0000-0001-7691-5539>

6 Graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Faz parte do Grupo de pesquisa multiTÃO, da revista ClimaCom e da Rede Latino-americana de Divulgação Científica e Mudanças Climáticas do INCT.  
 l238834@dac.unicamp.br  <http://lattes.cnpq.br/1267373012016360>  <https://orcid.org/0000-0002-0862-4147>

7 Doutoranda em Ecologia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), onde desenvolve pesquisas sobre coloração e comportamento em anfíbios anuros. Mestrado em Divulgação Científica e Cultural pelo Labjor-IEL-Unicamp. Bióloga com bacharelado em Meio Ambiente e Biodiversidade pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Campus Jaboticabal.  
 nataliaz.aranha@gmail.com  <http://lattes.cnpq.br/1874738670936315>  <https://orcid.org/0000-0003-2869-8829>



## A Perceiving-making forests with work tables in times of ruins and precariousness

### Abstract

In times of ruin and precariousness (Tsing, 2019, 2022), we seek to explore a fabled path with “work tables”, a device for collective artistic creation that seeks to perceive and create forests by inventing themselves in the company of more-than-human beings, such as birds, viruses, plants, and frogs. We focused on reflecting on four work tables created during an artistic residency and demonstrating how such relationships with companion species (Haraway, 2021, 2022) foster the activation and engagement of bodies (Greiner, 2017) in symbiotic multispecies performances. The tables presuppose forestry (Krenak, 2022) as a political gesture in the face of the Anthropocene.

**Keywords:** Working table. Forest. Scientific and cultural communication. Multispecies arts. Precariousness.

## Percibiendo-haciendo bosques con mesas de trabajo en tiempos de ruinas y precariedades

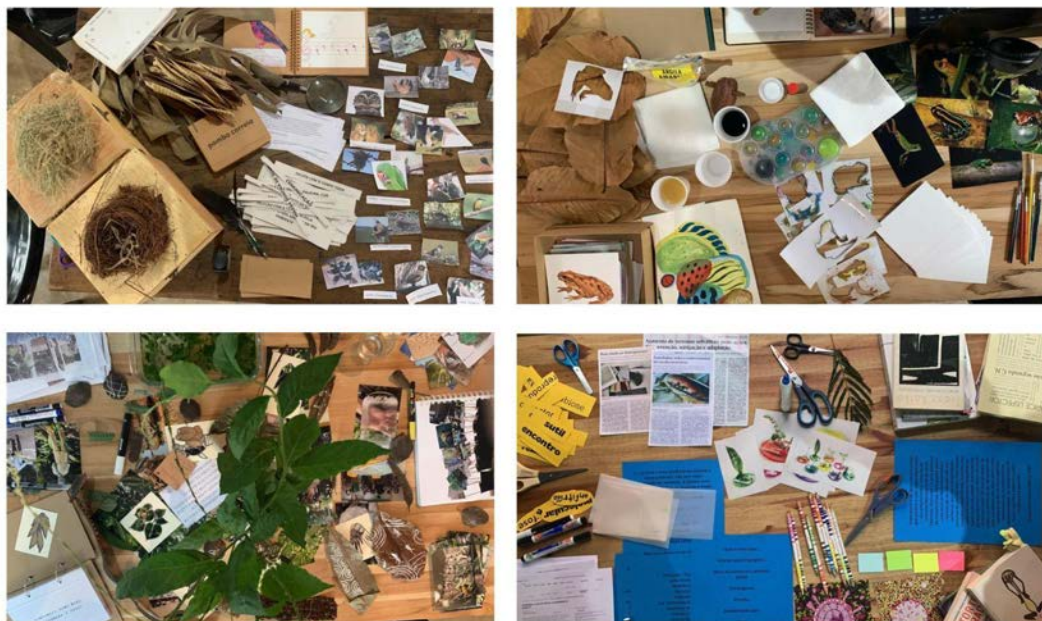
### Resumen

En tiempos de ruinas y precariedades (Tsing, 2019, 2022), buscamos explorar un camino fabulativo con las “mesas de trabajo”, un dispositivo de creación artística colectiva que busca percibir y crear bosques inventándose a sí mismos en compañía de seres más que humanos, como aves, virus, plantas y ranas. Nos centramos en reflexionar sobre cuatro mesas de trabajo creadas durante una residencia artística y en demostrar cómo estas relaciones con especies acompañantes (Haraway, 2021, 2022) fomentan la activación y la participación de los cuerpos (Greiner, 2017) en performances simbióticas multiespecie. Las mesas presuponen la florestania (Krenak, 2022) como un gesto político ante el Antropoceno.

**Palabras clave:** Mesa de trabajo. Bosque. Difusión científica y cultural. Artes multiespecies. Precariedad.

## Montando uma mesa... ou modos de criar com

Figuras – 1, 2, 3 e 4 – mesas de trabalho



Estamos imersos entre mudanças climáticas e crises globais, o que pode, em muitos momentos, soar como algo fatalista e paralisante. Talvez o ato de parar e desacelerar seja, de fato, necessário para escutar o que ressoa, o que ecoa, o que urge neste momento. Ver o que pede passagem para podermos, enfim, ensaiar florestanias (Krenak, 2022) e maneiras de adiar o fim dos mundos de vida que nos nutrem (Krenak, 2019), que criam paisagens multiespecíficas (Tsing, 2019).

As alterações no regime climático ameaçam muitos modos de existir, humanos e mais que humanos, e exigem uma atenção diferenciada para as relações, interconexões e interações socioambientais, estéticas e políticas que estão em jogo no capitalismo. Como denota a antropóloga Anna Tsing (2022, p. 62): “Estamos presos ao problema do viver apesar da ruína econômica e ecológica”. Ela define nosso tempo presente em termos de precariedade: uma vida sem estabilidade que se ampliou para todos, e assim acontece (Tsing, 2022).



Dessa forma, fortifica-se a narrativa moderna da “Natureza”: grandiosa, universal, passiva e mecânica, que poderia ser dominada e controlada pelo “Homem”. Uma natureza que se reduziria a um mero pano de fundo inerte das atividades humanas que nos impede de dedicarmos interesse aos entrelaçamentos interespécies e às sobrevivências colaborativas, como assuntos sérios que exigem de nós um perceber-fazer floresta (Dias, 2020).

Ao nos situarmos nos territórios marcados por destruições e precariedades – como nos lembra Tsing (2019, 2022) –, precisamos percorrer o caminho dos fabuladores e da fabulação para nos lembrarmos da vida pulsante em todos os seres, colocamo-nos atentos às possibilidades de seguir nos articulando e nos organizando coletivamente. Nesse sentido, o que Ailton Krenak (2022) sugere, quando fala em florestania, tem a ver com um chamado de desvio para fora de uma noção de cidadania demarcada pela branquitude, enquanto se pratica a tentativa de coletividade e agência junto às florestas e seus povos.

Pesquisar, trabalhar, fabular, experimentar, viver, mobilizar e florestar... juntos: eis o nosso desafio, já que “A precariedade é a condição de estarmos vulneráveis aos outros. Os encontros imprevisíveis nos transformam; não estamos no controle, nem de nós mesmos” (Tsing, 2022, p. 64).

Esse é um desafio que, de fato, tem ressonâncias com as florestas, tendo em vista que uma floresta envolve proliferar múltiplos modos de existir junto, permeando relações entre relações, simbioses de simbioses. E é a partir desses anseios que emergem as necessidades de metodologias de pesquisa que permitam vivenciar a criação em companhia de uma abundância de formas vivas que compartilham a Terra/terra conosco. Metodologias que possam ir além dos movimentos dominantes nas artes, nas ciências, na filosofia, na educação e na comunicação, diante dos tempos de precariedade e ruínas: por um lado, a transformação dos mais que humanos em meras mercadorias e, por outro, a insistência na denúncia e no convencimento como modos de alertar e conscientizar a população.

Entendemos ser preciso encontrar maneiras de viver que não sejam apenas receptivas ou reativas, as quais ressoam em nossas pesquisas, docências e



processos criativos. Acreditamos, como diz Luiz Simas (2019, p. 61), que nossa tarefa não é apenas resistir, mas que é preciso “[...] reexistir mesmo, reinventar afeições dentro ou fora das arenas e encontrar novas frestas para arrepiar a vida de originalidades, encantarias e gritos”.

Nas encruzilhadas naturais culturais (Haraway, 2022), surgem as mesas de trabalho (Dias, 2022; Dias, Brito, 2022; Dias, 2023) enquanto possibilidades de pesquisar e criar artisticamente de modos coletivos e colaborativos, em interações múltiplas entre humanos e mais que humanos. Entendemos que nas mesas de trabalho tudo são corpos vivos em relação (gentes, coisas, animais, vírus, plantas, livros, palavras, imagens, pensamentos, desejos, sonhos...). Em uma mesa, como em uma floresta, tudo está vivo e nos interessa perceber o que acontece de modo interespecie. Assim, as performances multiespécies se fazem presentes nas mesas de trabalho na medida em que se dão processos criativos, investigativos e propositivos coletivos entre corpos-seres-mundos.

Desde o ano de 2014, o grupo de pesquisas multiTÃO: prolifer-artes subvertendo ciências, educações e comunicações, vinculado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e sediado no Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade (Nudecri), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), experimenta as “mesas de trabalho” (Dias, 2022; Dias, Brito, 2022; Dias, 2023) em diferentes lugares. Seja na universidade, em seus laboratórios, espaços expositivos, salas de aula ou praças; seja pelas cidades, nas ruas, nos parques, nas casas, centros culturais, aldeias e quilombos urbanos ou onde quer que possamos – e desejamos – nos encontrar: movimentamo-nos em criações coletivas e colaborativas.

As mesas de trabalho foram recebendo muitos nomes diferentes à medida que aconteceram: mesas de trabalho a céu aberto, mesas de trabalho ao ar livre, mesas de trabalho à beira-rio, mesas de trabalho perceber-fazer floresta, entre outras. Diferentes inspirações teóricas nos movimentam a pensar nessas mesas de trabalho. A bióloga, filósofa e antropóloga da ciência Donna Haraway (2023), por exemplo, nos convida a sentar à mesa com as espécies companheiras e pensar este território “mesa” como um espaço-tempo de comer junto, compartilhando e



cocriando a vida. Como ressalta Vinciane Despret (2021, p. 152), Haraway propõe “[...] honrar em todos os lugares em que vivem, sofrem, trabalham, morrem e se alimentam as ‘espécies companheiras’, desde os laboratórios que unem humanos e animais, passando pelos locais de criação, até a nossa mesa”. Tal maneira de honrar ainda não está inventada, e exige que nos lancemos à criação. Requer que cultivemos intimidades ativas com diferentes viventes, que prestemos atenção às palavras, imagens, sons e gestos também como seres que podem multiplicar e potencializar existências. Temos buscado exercitar esses movimentos com as mesas de trabalho, pois são dispositivos de criação de encontros com os outros mais que humanos. São modos de abertura de espaços e brechas para que esses seres possam participar ativamente dos modos de contar estórias em tempos de precariedade e ruínas.

Neste texto, debruçar-nos-emos sobre as experiências das “mesas de trabalho perceber-fazer floresta” – cuja diversidade de materialidades vemos nas Figuras 1, 2, 3 e 4 – que aconteceram durante a residência artística “Perceber-fazer floresta II: cozinhar, caminhar, cantar, contar...”, realizada na cidade de Campinas, no estado de São Paulo, Brasil, no ano de 2024. As quatro mesas de trabalho reuniram pesquisadores e artistas da Rede Latino-Americana de Divulgação Científica e Mudanças Climáticas (Rede DCMC) e propuseram criar e pensar em companhia de plantas, pássaros, sapos e vírus.

Essa foi a primeira vez que as quatro mesas aconteceram concomitantemente, partilhando o espaço, os participantes e, em muitos momentos, até mesmo os materiais. Dessa forma, este texto se desdobra não apenas do ato isolado de uma delas, mas da coletividade que elas performaram e do engajamento para o qual elas nos convocaram quando estiveram juntas no que diz respeito a um tempo de precariedade. Assim, esta é uma escrita que acontece no encontro entre as mesas, na potência criativa que se debruça para pensar e compor em emaranhados multiespécies em tempos de precariedade. Entendemos e afirmamos seu ineditismo ao alinhar acontecimentos que se materializaram com diferentes seres e práticas nas mesas, compondo um arquivo que permite conhecer, se aprofundar e se relacionar neste caminho de pesquisa-criação mobilizado nos últimos anos pelo multiTÃO.



Consideramos, portanto, que mobilizar uma mesa de trabalho é devotar-se ao compromisso de estar com, de viver e morrer com – como nos ensina Donna Haraway (2023). As mesas de trabalho buscam engajar diversos corpos em práticas de perceber-fazer floresta por meio da criação coletiva de materiais artísticos e de divulgação científica e cultural que experimentam alianças entre artes, ciências, filosofias, educações e comunicações diante do Antropoceno. Pressupomos que perceber-fazer floresta passe por fazer das linguagens laboratórios-ateliês de experimentações sensíveis de modos de viver, sentir e pensar junto que levem a sério uma problematização ao antropocentrismo. Que se inventem alianças afirmativas com os mais que humanos, que experimentem uma não oposição entre naturezas e culturas e assumam que as narrativas também fazem parte dos modos de existir a serem cuidados, dos refúgios a serem reconstituídos e dos mundos habitáveis a serem cultivados.

As mesas de trabalho têm caráter performativo multiespécie e, na ocasião da residência, as quatro juntas se reafirmaram de tal forma. Operam como performances relacionais de longa duração, em que o processo coletivo de criação é tão importante quanto os artefatos finais que possam emergir. Elas são estruturadas como rituais de encontro nos quais a escuta atenta, o gesto compartilhado e a improvisação guiada pelos elementos do entorno constituem o cerne da prática. Convocam corpos capazes de sentir, escutar e incorporar micromovimentos, microsonoridades, tatilidades e temporalidades (Ribeiro, 2023).

Entendemos e afirmamos neste trabalho que a performance não é representação, mas um *estar-com* em presença, um modo de investigação corpórea e sensível que permite um *fazer-com* (Haraway, 2023). Ela se deixa contaminar pelos ritmos, sons, texturas e presenças mais que humanas, transformando a própria pesquisa em um evento comunicacional, educacional, ético e estético. Assim, a performance é uma maneira dos nossos corpos escaparem da linearidade do tempo ao espiralarmo-nos em poéticas (Martins, 2021) que se fazem entre – ciências, artes, filosofias, educações, comunicações, dentre outros campos do saber –, que acontecem com uma multiplicidade de seres humanos e mais que humanos.



Buscaremos mostrar como as quatro mesas de trabalho puderam, naquela ocasião, questionar e fissurar as lógicas binárias que alimentam o Antropoceno (Haraway, 2021, 2023; Lapoujade, 2017; Preciado, 2023). Estas mesas nos convidaram a exercícios de fabulação especulativa que propõem uma postura pragmática que busca, ao mesmo tempo, diagnosticar as oposições que funcionam em determinadas ações e materiais, constituindo um campo problemático que permita situar e desdobrar as análises e experimentações antes e além das oposições (Haraway, 2023, 2021; Lapoujade, 2017).

### Inspirações metodológicas

As mesas de trabalho (Dias, 2022; Dias, Brito, 2022; Dias, 2023) surgiram como uma experimentação potente e imprevisível de criação a partir de distintos materiais, seres, gestos e forças. E, embora tudo parta de uma superfície onde distintos elementos estão dispostos (e não meramente expostos), nem eles nem as pessoas se limitam ao perímetro ali definido. As atividades transbordam para além, acontecendo no entorno e reverberando para muito além do momento em que ocorrem. Susana Dias (2023) defende que as mesas podem caminhar, por ativarem e realizarem movimentos multiespécies e, de acordo com suas palavras, ontoepistemológicos: “Um caminhar que nos engaja materialmente com a terra/Terra, estimula cocriações e coevoluções afirmativas em meio às catástrofes, destruições e perturbações do Antropoceno” (Dias, 2023, p. 18).

Ressaltamos que as quatro mesas de trabalho aqui apresentadas e cartografadas foram pensadas por diferentes pessoas e em tempos-espacos distintos, tendo sido movimentadas em outros momentos, carregando, assim, marcas de suas histórias e geografias percorridas. Entretanto, embora tenham sido realizadas em outros contextos, este artigo se concentra especialmente nas mesas de trabalho que ocorreram durante a residência artística Perceber-fazer floresta II. Ou seja, um evento que buscava reunir integrantes – pesquisadores, artistas, professores, estudantes – da Rede Latino-americana Divulgação Científica e Mudanças Climáticas (Rede DCMC), com o propósito de levá-los a experimentarem o convívio com as florestas, misturando-se a elas e cultivando uma relação de intimidade e reciprocidade com as matas.



A residência artística ocorreu nos dias 23, 24, 25 e 26 de maio de 2024. Ao longo de sua realização, a mesma propôs um conjunto de atividades em conexão com práticas de povos originários, bem como ocupou lugares da cidade de Campinas como a Galeria de Artes do Instituto de Artes – GAIA da Unicamp; o Centro Cultural Casarão; a Mata Santa Genebra; e a Casa de Cultura Fazenda Roseira, considerada um quilombo urbano.

A realização das mesas de trabalho ficou para o último dia da residência artística, se desenrolou em uma sala espaçosa e arejada do Centro Cultural Casarão, e se revelou como a culminância de tudo que havia acontecido. Diferentes espécies foram as nossas companheiras – inspiradas no conceito de espécie companheira de Haraway (2021) – e, assim, nessas mesas de trabalho, nós criamos “[...] uma à outra na carne. Um outro significativo uma para a outra, em diferença específica, significamos na carne uma forte infecção de desenvolvimento chamada amor” (Haraway, 2021, p. 10-11).

Amor aos seres companheiros. Amor às diferenças. Amor às multiplicidades. Sobre a arte de criar junto de outras espécies, a autora afirma que:

Meus relatos multiespécies contam sobre a recuperação em meio a histórias complexas, que são tão cheias de morte quanto de vida; tão cheias de finais, e mesmo de genocídios, quanto de inícios. Diante do inexorável excesso de sofrimento historicamente específico das amarras entre espécies companheiras, não me interessam a reconciliação nem a restauração, mas estou profundamente comprometida com outras possibilidades mais modestas de recuperação parcial e de nos levar bem. Chamemos isso de “ficar com o problema” (Haraway, 2023, p. 23).

Histórias complexas emaranhadas que se colocam com a – tantas vezes dura, porém necessária – tarefa de ficar com o problema, experimentando possibilidades criativas, mesmo em tempos de precariedades: eis uma aposta. Assim, as mesas de trabalho com os sapos, vírus, pássaros e plantas se espalharam por todo o espaço. Cada uma ocupou uma ponta da sala. Os participantes se dividiram em quatro grupos e, assim, foram circulando entre as mesas a cada trinta minutos, deslocando e colocando os seus corpos em movimento, experimentando a arte performativa multiespécie das mesas de trabalho.



Entendemos que esse feito foi inédito na história das mesas de trabalho. Relembramos que aquela foi a primeira vez que as quatro mesas em questão estavam juntas. No entanto, exatamente pelo fato de as mesas de trabalho já terem ocorrido em outros momentos, torna-se importante não assumir que já sabemos na totalidade quais serão os seus movimentos e efeitos. É preciso estar em um estado de vigilância, humildade, comprometimento e responsabilidade mútua para se atentar a tudo de novo que pode surgir a cada realização, captando até mesmo o mais minúsculo de gestos, a fim de perceber o que ele propõe para um tempo de precariedade e para a convivência-criação multiespecífica. Talvez, esteja aí o maior dos desafios: entender que uma performance nunca se repete e não a forçar a se esgotar.

Nesse sentido, buscando a atenção e tentando escapar de reproduções humanas demais, notamos algo de novo na ocasião aqui mencionada. Para além de dividirem o espaço e a atenção das pessoas, as mesas de trabalho manifestaram outros fenômenos: a vivência intensa da florestania e a experimentação de performances multiespécies. Materiais, leituras, inspirações e atravessamentos de cada mesa contagiaram a seguinte, emaranhando os processos criativos em suas relações multiespécies. Desse modo, a metodologia das mesas de trabalho escalonou para a observação sobre o convívio das quatro juntas e sobre o efeito que elas tinham quando se juntavam, se acompanhavam, se comunicavam e se contaminavam. Tudo isso faz entrar em cena uma outra noção que muito importa para este relato e que nomeou a residência artística: “Perceber-fazer floresta II”.

Para Dias (2020), perceber-fazer floresta tem a ver com ativar a comunicação em dimensões cósmicas, assumindo que o mundo, como ela mesma diz, é vivo por inteireza. “Tal possibilidade, de entrar em comunicação com um mundo todo vivo, parece que só pode acontecer quando o humano deixa de ser o centro dos processos comunicantes, quando o humano se deixa abrir aos devires e povoar por forças não humanas” (Dias, 2020, p. 3). Nesse sentido, a autora convoca para uma composição múltipla entre distintas formas de existência, que extrapolam o estreito confinamento daquilo que ousamos determinar como humanidade.

Nas mesas de trabalho, a noção de perceber-fazer floresta se manifestou



pelo fato de que elas começaram a trocar nutrientes entre si, como vegetais que partilham o mesmo chão, que compartilham a terra, a água e o ar ao crescerem e viverem juntos, que se comunicam. E também pelo fato de que cada bicho, cada planta, cada pedaço de papel, cada gesto, cada palavra, cada gota de água e cada pequenino som povoavam o que estava acontecendo ali, naquele espaço-tempo, sem escalas hierárquicas de importâncias.

As mesas de trabalho, no exercício de perceber-fazer floresta, nos convocam à aventura de estar junto, de desviar de coisas dadas e violentas, de afirmar a vida em suas tantas manifestações. Elas nos convidam a nos vincular a forças e seres para além de tudo aquilo que é saturadamente humano e que nos coloca constantemente em meio à precariedade.

Pensando no histórico das mesas de trabalho enquanto metodologia e se abrindo a assumir tudo de novo que ela revisitou na ocasião da residência artística, este trabalho se interessa por não apenas relatar o que ocorreu naquele momento, mas sobretudo por pensar a partir do que ocorreu. Investigando o modo como elas nos levam a perceber-fazer floresta, em conexão com as ciências, as filosofias e as artes em práticas educativas e comunicativas. Reforçamos, então, que elas acontecem enquanto modos possíveis de, a partir das nossas performances e ativações corporais, questionar binarismos e fissurar tramas dos tempos de precariedades.

### Caminhando com as mesas de trabalho

Nesta seção, dividida em quatro partes, percorremos com palavras e imagens cada uma das mesas de trabalho que aconteceram na residência artística. Perceber-fazer floresta II, refletindo sobre as potências de criações e experimentações artísticas e performáticas multiespécie nas mesas. Cada narrativa é um convite a também caminhar conosco, permitindo ao corpo ser afetado e contagiado pelos pássaros, vírus, sapos e plantas em emaranhados e devires que acontecem com estas espécies companheiras (Haraway, 2021, 2022, 2023).



### *Mesa de trabalho com os pássaros*

No livro *O menino do mato*, Manoel de Barros (2022) faz experimentações poéticas a respeito do que é o conhecimento. De acordo com suas palavras, o conhecimento diz respeito a algo que pode ser sentido, apalpado e ouvido. O poeta parece defender uma experiência de apreensão do saber que o envolve por inteiro, mobiliza cada pedaço seu e o coloca em relação com os seres do entorno. “Nossas palavras se ajuntavam uma na outra por amor e não por sintaxe. A gente queria o arpejo. O canto. O gorjeio das palavras” (Barros, 2022, p. 15).

Enquanto lemos o autor, que se interessa por estar junto dos passarinhos, podemos sentir o som da passarada penetrando os ouvidos. É possível, de algum modo, sentir o pássaro na carne de quem somos e tentar, com eles, inventar um mundo que nos caiba junto a um jeito de afirmar a vida em tempos de precariedades.

Ainda que de modo distinto, a mesa de trabalho com os pássaros, realizada no Centro Cultural Casarão durante a residência artística Perceber-fazer floresta II, também se vê na busca por aprender com eles. Eis um ensejo por cocriar em parceria com suas asas e bicos, senti-los em nós, nos confundirmos com eles. Conforme já foi dito, essa metodologia está em prática pelo grupo de pesquisa multiTÃO: prolifer-artes sub-vertendo ciências, educações e comunicações (CNPq/Unicamp) desde 2014 e, ao longo desse tempo, distintas autorias, bem como artistas, foram chegando e compondo o modo de fazê-la, desfazê-la, refazê-la. Nesse sentido, em compromisso com a noção multiespécie defendida por Haraway (2021) e ocupando os campos das artes e das ciências, olhamos com carinho para os ninhos, os cantos, os voos e as escutas. A fim de ativar um engajamento coletivo e sensível perante as catástrofes e as colonizações que tanto nos assolam em tempos de ruínas e precariedades.

Em um livro que pauta o futuro, além de revogá-lo como ancestral, Krenak (2022) relembra seu próprio passado e conta sobre uma das belezas de sua infância: sentir-se parte daquilo que, aqui, escolhemos chamar de Terra/terra. “Então, o primeiro presente que ganhei com essa liberdade foi o de me confundir com a natureza num sentido amplo, de me entender como uma extensão de tudo,



e ter essa experiência de sujeito coletivo” (Krenak, 2022, p. 102).

Um desafio para o qual a mesa nos convoca tem a ver com a necessidade de desviar de uma noção estabilizada de humanidade e de cidadania para vivenciar a florestania e coletividade, conforme Krenak (2022) propõe, com os pássaros. Trata-se de algo que não temos a pretensão de dizer que, sempre, cumprimos. É, quem sabe, na verdade, um esforço constante de sensibilidade e percepção.

Perceber-se um com a Terra/terra nos leva a desviar de binarismos que fundam dicotomias entre natureza e cultura, bem como implica o corpo que somos uma relação erótica com o cosmos: vento, rio, linha, sapo, jenipapo, vírus, planta, pássaro. Nesse sentido, na ocasião da residência artística, engajamo-nos na tentativa de floresta, presença, inteireza, mergulho e raiz.

Com isso em mente, oferecemos uma mesa com diversos materiais e quatro propostas de experimentação com os pássaros: 1) produzir coletivamente o livro-objeto “Pombo-correio: uma carta para um futuro ancestral”, onde as pessoas foram convidadas a escreverem com uma pena de pássaro e tinta, a partir da escolha e relação com três materiais diferentes da mesa: textos científicos e filosóficos sobre pássaros, imagens e nomes científicos de aves comuns na cidade de Campinas (pombas, beija-flor, sabiás, pardais, maritacas, carcarás, jacus, entre outros) e obras artísticas com pássaros; 2) criar um ninho com frases (retiradas de vários textos com os pássaros), capins e galhos; 3) contemplar um ninho de beija-flor e escutar cantos de pássaros; e 4) ativar o devir pássaro no próprio corpo, fazendo uma performance com plantas e galhos (Bellini, Miranda, Dias, 2024).

Aqui, nos concentramos na experiência da performance. Disponibilizamos um conjunto de folhas, galhos e cascas de madeira para os participantes criarem um corpo de pássaro na interação com esses materiais. A partir daí, surgem as mais distintas figuras: pessoas com folhas grandes e similares simulando um par de asas enquanto as movimentam para baixo e para cima como num voo; pessoas colocando galhos compridos na frente da boca para formar um bico e ciscar por aí; pessoas formando um arco ao redor da cabeça como faz um pavão. De algum modo, percebemos ressonâncias entre os movimentos de todos e todas participantes em cada edição da mesa. Há algumas coisas que se repetem. Não

como uma repetição esvaziada, mas como uma sincronia cósmica e intuitiva que nos leva a perceber que, a despeito de nossas prepotências, todos e todas sabemos ser bichos.

Figuras 5 e 6 – Performances de residentes durante a residência artística Perceber-fazer floresta II.



Todas as performances, assim como essas aqui expostas, enquanto práticas de experimentação, pareciam estar num esforço comum: abrir-se à criatividade e encantar-se pelas múltiplas relações que poderiam ser criadas ali entre gentes, plantas e pássaros. De fato, algumas pessoas começavam tímidas e olhavam ao redor para ver se mais alguém estava tentando performar. No entanto, aos poucos, a tentativa de uma ativava e contagiava a de outra. Não demorava muito para que se colocassem disponíveis à criação num estado potente de presença pessoal e coletiva, envolvendo suas próprias carnes no encontro com os pássaros, alterando-se a partir de então e desestabilizando o padrão como um corpo se apresenta e se percebe.

Para nós, o trabalho da artista Mariana Vilela (2024) é uma referência de performance. Uma de suas produções que destacamos aqui é parte de sua dissertação de mestrado realizada no Labjor-Unicamp, na qual ela escreve sobre



o conceito-prática corpo-linha-selvagem e, enquanto o concebe, vai inserindo exercícios ao longo do texto (Vilela, 2024). No primeiro deles, convida a pessoa que lê para colocar um carretel de linha na boca e, em seguida, puxar a linha até que ela caia sobre um dos pés. Esse exercício, que se caracteriza também como uma performance, nos leva a ter algumas sensações. Sentimos a textura da linha com a língua, bem como sua umidade sobre a pele.

Isso faz com que seja impossível atravessar sua escrita sem que cada pedaço do corpo o toque e se relacione com ele enquanto materialidade. Não apenas os olhos percorrem as frases, como também a boca as mastiga e as unhas as coçam. Não é à toa que, em um dos momentos, a autora faz um convite à pessoa que lê. “Te quero comigo em presença” (Vilela, 2024, p. 25).

As performances da mesa de trabalho também se desafiaram a convocar a presença, a atenção, o cuidado, os sentidos e o envolvimento. Havia um chamado para haver uma relação profunda com os materiais ali dispostos, levando a sério cada um, se comunicando e se confundindo com eles. Não se tratava de uma relação espontânea. Foi preciso investir e insistir nela.

Em um tempo de abstração, os pássaros nos chamavam a atender ao chamado de Krenak (2022, p. 91) para pulsarmos “[...] o coração no ritmo da terra” e nos comprometermos politicamente com os demais seres. Os pássaros, ainda, se juntam a nós na tarefa de perceber-fazer floresta.

“Ser um é sempre devir com muitos”, nos lembra Haraway (2022, p. 10). As performances da mesa de trabalho com os pássaros são eróticas, políticas, poéticas, espirituais e cosmológicas, que se desafiam ao *devir com* (Haraway, 2022) passarinhos, galhos, sementes, folhas... Elas experimentam deslocar nossa perspectiva de padrões demasiadamente humanos para performar e reverenciar ciências-artes-filosofias-educações-comunicações a partir de bicos, penas e asas na interface com outros seres e forças, inclusive conosco.

Na ocasião da residência artística, foi interessante perceber que, sem planejamento algum, a mesa de trabalho com os pássaros se situou ao lado de uma grande janela que, por sua vez, ficava próxima de uma árvore na qual um ninho se abrigava. Não conseguimos ver as aves, mas sentimos a sua presença ali,



sendo recíproca à nossa. Mesmo no silêncio de seu canto, conseguimos escutá-lo e ouvir o que tinha a dizer sobre o tempo que vivemos, marcado pelas ruínas e precariedades.

A partir do silêncio profundo das pessoas imersas nas atividades das mesas se fez som. Foi possível ouvir o canto das aves ao redor enquanto performávamos com os materiais que ali estavam. Foi “[...] preciso ouvir o silêncio. As tecnologias que nos conectam à prática do bem viver são ancestrais” (Simas; Rufino, 2020, p. 16). A tecnologia do fazer ninho, do performar um pássaro ou escrever com pena de pássaro nos conectam à ancestralidade e trazem à tona o encantamento pelo mistério daquilo que um encontro multiespécie pode vir a ser.

Assim está lançada a tarefa do encantamento: afirmar a vida neste e nos outros mundos – múltiplos feito as folhas – como pássaros capazes de bailar acima das fogueiras, com a coragem para desafiar o incêndio e o cuidado para não queimar as asas. Chamuscados, feridos, mas plenos e intensos, cantando por saber que a vida é voo (Simas; Rufino, 2020, p.18).

Evocando a responsabilidade perante o mundo e (re)apredendo a afirmar a vida de forma potente, inspirados em como os encantados o fazem. As companhias dos pássaros e nosso consequente relacionamento a partir do corpo reencantaram os mundos que ali estavam e nos levaram a imaginar possibilidades de futuros ancestrais. Aterrados como pezinhos de galinhas e simultaneamente voadores como asas. Tudo isso a partir do encontro que se celebrava numa performance multiespécie, onde o encontro com a floresta não era uma mera abstração. Fomos passarada.

### *Mesa de trabalho com os vírus*

O vírus não está nem vivo nem morto. [...] É a categoria “vida” que o vírus faz voar pelos ares. O vírus tira o pensamento binário moderno do sério, transtorna a ordem da linguagem biológica, transgride os limites, sacode os termos da classificação, desfaz a taxonomia. Indizível, ele é uma entidade constitutivamente disfórica (Paul B. Preciado, 2023, p.180).

Vírus... microrganismos que se pulverizam sem que nós, humanos, consigamos sequer vê-los a olho nu. Seres que podem passar despercebidos, mas que, em certos momentos, sentimos o seu impacto avassalador em nossos



corpos, vidas e mundos.

“Todos nós temos alguma estória com os vírus – e, na ausência delas, podemos criá-las. Eles atravessam nossos corpos, nos infectam, se misturam aos nossos genes, metamorfoseiam nossa carne” (Sales, Rigue, 2025, p. 292). E, se nos colocássemos na tarefa de cultivar relações próximas, sensíveis, atentas aos microrganismos que nos povoam, que compartilham e cocriam o mundo conosco? E se praticássemos a floresta com eles? Quiçá, haveria saída, já que inevitavelmente eles fazem morada em nossos próprios corpos? Eis a complexa tarefa de estar diante dos vírus, das mudanças climáticas, das ruínas do Antropoceno, dos atravessamentos mundanos em tempos de precariedade. Nisso, demanda-nos ver as ressonâncias dessa convivência atritosa, dos impactos do sistema colonial capitalista, das consequências neoliberais. Resta-nos também perceber que algo é possível de se aprender, afetar, devir e criar com essas pequenas existências. Assim, cultivar uma ética desejosa e responsável que acontece por contágio.

Vírus, seres microscópicos, tantas vezes rotulados como sequer vivos. Viventes moleculares, carregam a potência da mutação. Mesclam informações genéticas de seus diminutos corpos acelulares com as células hospedeiras. Mudam, transformam e, tantas vezes, também destroem – a começar pelos binarismos, como Preciado (2023) nos lembra. Trazem a força de deslocar e também de matar. Escrever com, entrar em relação com, performar com, criar com, viver e morrer com – já nos ensina Haraway (2023) – os vírus: uma tarefa a seguir tentando, experimentando.

“Como ficar com o problema de habitar um mundo com os vírus? Entre pandemias, infecções, mutações, contágios corporais e afetivos, de que maneiras esta coexistência multiespécie nos permite criar ao devir com, viver com e morrer com esses seres microscópicos que situam-se no entre?” (Sales, Dias, 2024, s/p). Como perceber-fazer floresta com eles em tempos de precariedades? Essas são algumas das questões que nos movimentaram a pensar na mesa de trabalho com os vírus, já que “Espécies companheiras não são camaradas prontos para discussões anarquistas do início do século XX [...]. O relacionamento é multiforme, perigoso, não terminado, permeado de consequências” (Haraway, 2021, p. 40).



Tal movimento surgiu a partir de uma pesquisa de pós-doutoramento em Divulgação Científica e Cultural, na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), articulando as interfaces entre ciências, artes, filosofias, educações e comunicações para pensar na complexa tarefa de comunicar, aprender, viver e morrer com os vírus. Assim,

Diversas referências artísticas, filosóficas e científicas nos inspiraram na construção desta mesa com os vírus. Junto dos estudos epidemiológicos, microbiologistas e virológicos, ressaltamos autorias como Donna Haraway, Paul Preciado, Emanuele Coccia, Gilles Deleuze e Félix Guattari como intercessores filosóficos, e produções artísticas de Adriana Bertini e David Goodswell. Materiais distintos compuseram esta mesa, como: imagens de produções artísticas, revistas de divulgação científica, livros filosóficos, tesouras, canetas, canetinhas, lápis de cor, massinha de modelar, cola, arames coloridos, alicates, placas de petri, tubos de ensaio, dentre outros. Os mesmos foram disparadores para as criações (Sales, Dias, 2024, s/p).

Estas experiências de mobilização criativa aconteceram em três momentos distintos: além da residência artística Perceber-fazer floresta II – foco deste estudo –, no IX Seminário Conexões, ambos na cidade de Campinas – SP – Brasil, em maio de 2024, sendo o primeiro momento no Centro Cultural Casarão e o segundo na Unicamp; e no II Mudanças Climáticas: museus, arte e educação, na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Campus Santa Mônica, na cidade de Uberlândia – MG – Brasil, no dia 02 de setembro de 2024, pela noite.

A mesa de trabalho foi escolhida como caminho para disparar processos criativos junto aos vírus. Durante a residência, grupos diversos foram rotacionando e se permitindo contagiar com os elementos lá presentes. Papéis, canetas, lápis, cola, tesouras, tintas, notícias jornalísticas a serem fabuladas, livros de filosofia e livros de literatura a nos infectar com suas palavras afetivas. Também, compuseram celulares, folhas de árvores e o próprio ambiente em questão. Participantes colocaram os seus corpos em movimentos e contágios afetivos, permitindo que a ética desejosa e a erótica dos vírus possibilitasse com eles experimentar performances e artes multiespécies.

Depois de anos de pandemia de covid-19, podermos nos encontrar presencialmente e pensar, criar e experimentar juntos é, em si, um presente que nos leva a afirmar a vida coletiva e recíproca em tempos de precariedades,



percebendo-fazer floresta. Assim, “Nos territórios pandêmicos, penso que uma grande força habite justamente no que mais nos dá medo: no vírus e em suas sabedorias de contágio” (Sales, 2021, p. 512).

Nas mesas de trabalho com os vírus, atravessamos espaços de precariedade nas relações entre humanos-vírus ao percorrermos acontecimentos epidêmicos. “Gripe, caxumba, dengue, sarampo, aids, covid-19, infecções estomacais... verrugas, tosse, febre, feridas, manchas... no encontro com alguns vírus potencialmente causadores de adoecimentos nos corpos são colocados para fora de seus limites individuais” (Sales, Dias, 2025, p. 741). Pensamos em adoecimentos mobilizados pelos encontros entre corpos em meio a um mundo em ruínas, atravessando vidas humanas e não humanas em tempos de mudanças climáticas. Tal trajeto se fez necessário para, enfim, tentar buscar modos outros de cultivar coexistências possíveis entre seres que se mostram radicalmente diferentes.

Sentir os vírus, sentir com os vírus. Quiçá, devir com, viver com e morrer com. “Juntos e juntas, nos colocamos nessa tarefa de criar junto com os vírus, de percorrer territórios sinuosos, de devir com, viver com e morrer com... em mesas de trabalho!” (Sales, Dias, 2024, s./p.). Em criações coletivas, em experimentações com diferentes materiais, com os nossos corpos ativamente presentes, com as nossas trajetórias. Compondo e fabulando histórias íntimas, moleculares, em vacinas para modos de vida singulares, em mutações subjetivas, em caminhos possíveis para escutar o que os vírus têm a nos dizer... e o que já disseram tantas vezes e ainda nos recusamos a entender.

Os vírus nos convidam a pensar a vida [...] de outros modos. Nos colocam no lugar do indizível, do invisível, do que depende da capacidade de imaginar para existir e do que, mesmo na incapacidade de entender, está lá, em toda a sua força, tantas vezes, avassaladora. E, assim, nos colocam em deslocamentos das certezas, das linearidades, do que sempre é possível materializar em categorias fechadas e concretas (Sales; Dias, 2025, p. 735).

Vemos que os vírus nos colocam também em encruzilhadas (Rufino, 2019). A pensar nas potências do que está entre a vida e a morte, a saúde e a doença em existências acelulares que, nas suas ancestrais estruturas, nos ensinam modos outros de ser complexo, de se misturar, de destruir e também de mutar, tomando

forma com as produções aqui expostas, como nas Figuras 7, 8 e 9. Esses afetos nos aproximaram de uma relação com notícias jornalísticas a serem fabuladas, ficcionalizadas, experimentadas de modo a desviar de narrativas biomédicas hegemônicas. A potência artística das mesas de trabalho nos permitiu criar brincando com o que estava lá disposto nas mesas e, sobretudo, também contagiar as pessoas – humanas e mais que humanas – que lá passavam.

Figuras 7, 8 e 9 – Mesa de Trabalho com os Vírus. Registros das autorias realizados na residência artística Perceber-fazer floresta II, na cidade de Campinas, em 2024.



Acessamos, assim, o encantamento das materialidades emaranhadas, rompendo, inclusive, as barreiras que existiam entre as mesas, infectando-as, misturando as suas propostas e os seres que elas nos aproximavam. Desenhos,



fotografias, colagens, danças, movimentos, vídeos e tantas outras possibilidades criativas foram proliferando e contagiando as seguintes em um movimento de alteridade significativa (Haraway, 2021). Com nossos vírus companheiros, rompemos pretensas individualidades e nos infectando em um caminho que é coletivo. Assim, nas mesas com os vírus “[...] estão algumas pistas para cultivar modos de aprender, comunicar e devir com os vírus em nossos emaranhados multiespécie, em divulgações científicas menores” (Sales, Dias, 2025, p. 748). Eis a potência de perceber-fazer florestas em mesas de trabalho: cocriar em emaranhados, coexistir em simbioses entre heterogêneos, perceber e fazer a força florestal que existe justamente nas diferenças e multiplicidades – algo possível também com as existências virais.

### *Mesa de trabalho com os sapos*

Uso a palavra para compor meus silêncios.  
Não gosto das palavras  
fatigadas de informar.  
Dou mais respeito  
às que vivem de barriga no chão  
tipo água pedra sapo.  
Entendo bem o sotaque das águas  
Dou respeito às coisas desimportantes  
e aos seres desimportantes.  
(O apanhador de desperdícios – Manoel de Barros)

Pouco nos deixamos afetar pelos sapos, e muito menos por seus modos de vida. Os anfíbios anuros, a que me refiro como sapos, atualmente, são considerados o grupo de vertebrados terrestres com maior risco de ameaça de extinção e, em sua maioria, são quase sempre imperceptíveis aos olhos e ouvidos humanos. Seus encontros com humanos e não humanos, em centros urbanos e residências, são maneiras de habitar uma Terra/terra ferida e vulnerável – o que pode tantas vezes causar estranhamentos e até horror em quem teme esses seres, impregnados em lógicas que geram aversão ao que difere do comum. Pensar e viver com os sapos nos mostra que habitar um mundo em ruínas é viver em composições e perceber-fazer floresta, e isso se refere a uma questão de relações e convivências estabelecidas com “outros” (Tsing, 2022; Aranha, Dias, 2024a).



Assim como para Anna Tsing (2019; 2022) e suas relações com os fungos, os sapos nos levaram a um entrelaçamento entre as ciências, artes e culturas. Isso ocorre não apenas por meio de críticas e de conhecimentos generalizados, mas através de conhecimentos e percepções construtoras-de-mundos que se comunicam, já que eles “[...] não são seres sem mundo ou com um mundo empobrecido, mas são fazedores-de-mundos em suas histórias entrelaçadas” (Tsing, 2022, p. 28). Mundos que emergem quando pensamos nos sapos como “espécies companheiras” – conceito este proposto por Haraway (2022) ao convocar seres como parte de uma mesma rede de coexistência, na construção de paisagens que são materialmente visíveis e sensíveis. Esse conceito dá visibilidade ao fato de que fazer mundos não se limita apenas aos humanos, já que todos os seres desenvolvem habitações e alterações ecológicas. Cada um transforma, modifica e tem sua determinada importância no mundo do outro.

Espécies companheiras também nos mostram que, para criar maneiras de habitar uma Terra/terra vulnerável e pensar/viver com, é preciso conhecer as histórias e estórias de habitantes humanos, não humanos e mais que humanos. É preciso criar novas narrativas que celebrem o viver junto como tarefa a fazer, que pratiquem a florestania, mesmo em tempos de precariedade.

Experimentar as mesas de trabalho com os sapos, durante a residência artística Perceber-fazer floresta II, nos fez questionar como poderíamos gerar meios vivos que fossem capazes de afetar, sensibilizar, pensar e viver com espécies que vêm enfrentando grandes impactos. Um meio vivo é um meio que não se separa do vivente, antes faz rizoma com ele (Deleuze, Guattari, 2011). Um dos caminhos encontrados foi o de seguir os sapos em diversos territórios – científicos, artísticos, filosóficos e comunicacionais – e propor misturá-los, colocá-los em conexão. Buscar com as pessoas passagens para novas alianças baseadas em alguns compromissos que a mesa de trabalho propôs: de observação dos sapos vivendo no meio fotográfico, suas cores, formas, texturas, desenhos, gestos, limites. De intervenção na fotografia com grafismos, a partir do contato com obras de artistas indígenas – particularmente de Rayane Barbosa Kaingang.

Deste modo, “A pele do fotográfico passou a funcionar não apenas como espaço-tempo de registro e identificação dos sapos, movimento comum entre



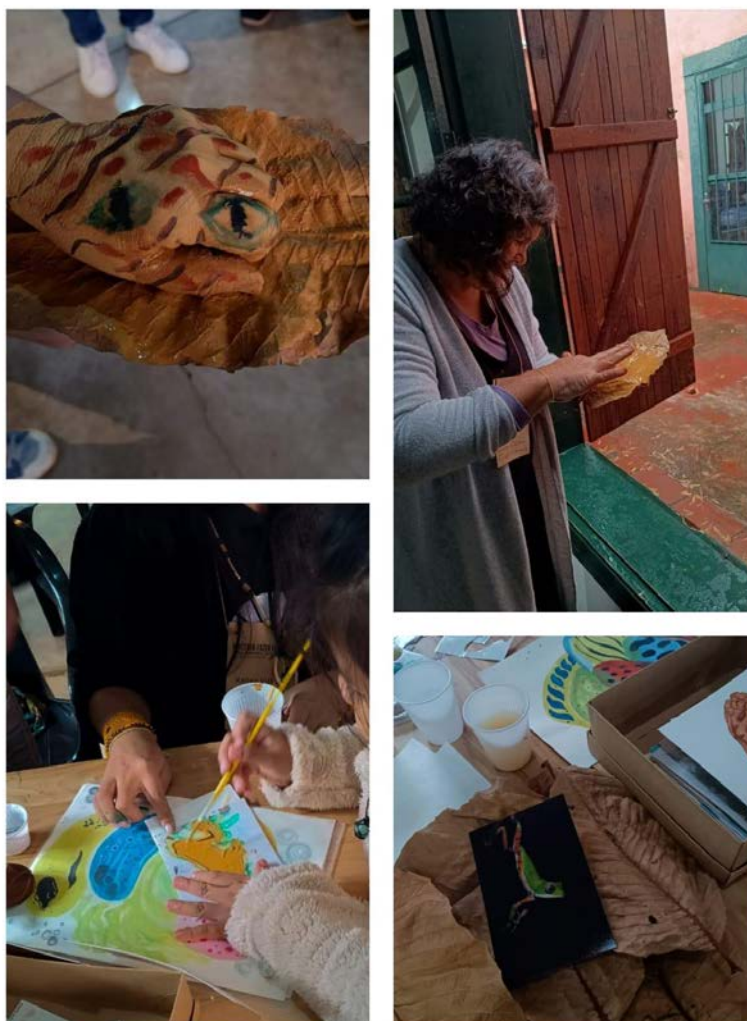
herpetólogos, mas também espaço-tempo de ficção e conexão com dimensões ancestrais e virtuais” (Aranha, 2024a, p. 211). Eis um momento de experimentação da passagem dos sapos do meio fotográfico ao meio da aquarela, usando tintas, águas, papéis e escuta de seus cantos. Isto ocorreu através do acesso a um arquivo sonoro da Fonoteca Neotropical Jacques Vielliard da Unicamp e da investigação da materialidade dos sons por meio de testes com objetos diversos e criação de uma página do caderno de estudos dos sons (Aranha, 2024; Aranha, Dias, 2024b).

Na busca por criar novas alianças com os sapos, toda “uma arte de perceber” foi convocada (Tsing, 2022; Cardoso, 2019). Quem lá estava observou, escutou, sentiu e se relacionou com cuidado, atenção e afeto com os sapos. Uma nova percepção foi dada não somente àqueles anuros, mas também ao brejo, um meio que vive e possibilita inúmeras outras vivências de diferentes seres e tipos de relações. Para isso, na residência, um novo elemento entrou para a composição da mesa de trabalho, a argila. Este material ganhou vida por diferentes meios – no papel, sendo utilizado como tinta e despertando a observação; recriação de um brejo na folha de uma árvore, que com a água (da chuva ou da torneira) se misturaram e deram visibilidade ao meio-brejo; na pele, sendo utilizado em pinturas corporais, que possibilitaram dar a esses seres novos encontros, performances e maneiras de narrar his-estórias, conectando aos grafismos indígenas.

Aprendemos com os herpetólogos da Unicamp que o brejo é um ambiente marcado pela interação entre terra e água, exigindo atenção e respeito. Assim, nos misturamos com eles durante a mesa de trabalho com os sapos, como nas Figuras 10, 11, 12 e 13. Caminhar por esse ecossistema requer cautela, tanto para preservar a fauna local quanto para garantir a própria segurança. Antes de cada passo, é essencial observar onde pisamos ou nos apoiamos, por dois motivos principais: verificar e evitar ferir outras espécies que habitam aquele delicado e rico espaço – muitas delas, além dos sapos, são pequenas ou possuem colorações que as camuflam no ambiente; e para garantir que o solo seja firme o suficiente para suportar nosso peso, evitando atolamentos ou quedas. Esses cuidados ressaltam a força e a complexidade desse meio, mostrando que o brejo pode ser tão ou até mais forte do que nós, humanos.

Ao caminhar sobre o brejo, a vegetação é uma de nossas maiores aliadas. Muitas vezes, ela forma uma rede de sustentação que nos permite avançar e chegar até os sapos. No entanto, em algumas situações, pode criar uma falsa sensação de segurança, ocultando áreas onde a água é mais profunda. O brejo é um mundo à parte – ele exige atenção constante ao ambiente e a tudo o que abriga. Assim como nas práticas desenvolvidas nas mesas de trabalho, esse espaço é feito de experiências compartilhadas, trocas, gestos, observações e interações, onde cada elemento, com sua singularidade e força, influencia e é influenciado pelo todo e pelo/com os “outros”.

Figuras 10, 11, 12 e 13 – Mesa de trabalho com os sapos. Registros das autorias realizados na residência artística Perceber-fazer floresta II, na cidade de Campinas, em 2024.



A mesa de trabalho é como uma escrita e vice-versa. É um espaço de

passagens, trânsitos, encontros e relações. Não é apenas um método ou uma intervenção artística, é uma companhia que favorece simbioses e simbiogêneses em uma performance multiespécie (Aranha, 2024; Haraway, 2021, 2022). Nesse contexto, o desconhecido e a curiosidade criam um espaço de encantamento com a vida, uma relação de interação que nos coloca diante do imprevisível, na interface com o outro. O grande desafio das mesas de trabalho e de tudo que elas abarcam é a aposta em uma comunicação que integre imagens, palavras, sons e gestos, e essa construção só será alcançada por meio do cuidado multidisciplinar e de uma atenção multiespécie.

### *Mesa de trabalho com as plantas*

Um tampo de madeira em *pinus* tratado apoiado sobre dois cavaletes, na lateral de um deles uma urdidura em barbante realça o tecido feito de galhos, folhas, gravetos e fibras vegetais. Uma experimentação que alguém fez em alguma das andanças das mesas de trabalho tempos atrás. Em cima do tampo de madeira, fotografias de plantas e pessoas com plantas, folhas secas, plantas vivas, papel para desenho. Canetas diversas e tesoura para as pessoas criarem interferências com e nas coisas dispostas na mesa. Um livro-fichário das plantas companheiras. Um copo d'água onde submersa está uma fotografia de Porto Alegre, para lembrar que aquele era o tempo das catástrofes no Rio Grande do Sul. No chão, ao lado da mesa, um manto-floresta que faz parte do livro *Floresta*<sup>2</sup> (Dias; Penha, 2019) e a cabeça vegetal, uma obra relacional da artista e pesquisadora Mariana Vilela, de título *Vitaloceno* (Vilela, 2022), na qual os participantes podiam vesti-la e experimentar um corpo vegetalizado. Tudo isso com o alastramento da mesa pelo chão, porque as plantas nos ensinam não haver limites para sua proliferação e que viver é um povoamento!

As mesas de trabalho convocam o corpo. Presença, percepção, feitura e florestania. Os corpos dos participantes ao se movimentar e estabelecerem relação com os materiais e ferramentas e com as coisas (Ingold, 2012) nas mesas. É como se as disposições delas reativassem seu animismo (Stengers, 2017). A mesa de trabalho com as plantas propõe engajamentos vitais e é no encontro entre os seres mais-que-humanos, humanos e não humanos (Haraway, 2021) que



os materiais, imagens ou corpos são afetados, modificados, destrinchados e transformados, convocando um perceber-fazer-floresta (Dias, 2020).

Todas as coisas ali presentes pensam e pulsam vitalidades. Ao riscar linhas finas numa folha seca, aquela mão torna-se também parte da folha, pois as linhas da mão confundem-se com as da folha. Então podemos perguntar: quem risca quem? Ao se deparar com o livro-fichário das Plantas companheiras, os participantes são convocados a se conectar com suas espécies companheiras (Haraway, 2021). Para além de um aspecto meramente mental, mas afetivo e subjetivo, descrever, desenhar e lembrar do cheiro e da imagem de alguma planta que fez e faz parte de sua existência nessa Terra viva e danificada.

Ao lidar com o corpo das coisas dispostas na mesa de trabalho vegetal tenta-se romper com as hierarquias e propõe-se que todos os corpos são dispostos como agentes de ação em uma floresta cósmica. O que se tenta performar na mesa é também um campo de negociação, de conflito de agências e de reconhecimento dos limites do próprio exercício de devir com (Haraway, 2023). Um exercício radical de alteridade onde, como lembra Christine Greiner (2017, p. 42), “[...] não existe um sujeito fundador separado de outros sujeitos e objetos”. Desde a tesoura, as canetas, as fotografias, o manto, a cabeça vegetal e os participantes são, ao mesmo tempo, ferramentas e materiais de criação de outras narrativas vitais, sendo co-fabuladas na potência dos encontros (Vilela, 2024). Há nas folhas, sementes, terra, lupas, cadernos, canetas, imagens impressas dispostas (e não meramente expostas) uma atentividade de pensares, sentires e fazeres, uma profusão aos encontros e, em uma mesa de trabalho com as plantas, “[...] encontros são ferramentas de alteridade” (Vilela, p. 79). São elas próprias agentes neste processo de perceber-fazer, e não meras ilustrações.

Segundo Christine Greiner (2017), pensadora do corpo em movimento, o exercício da alteridade é um modo de promover um estado criativo. Para ela, “[...] não existe um sujeito fundador separado de outros sujeitos e objetos” (Greiner, 2017, p. 42). Nas interações propostas entre materiais, ferramentas e participantes, ou seja, num corpo-a-corpo, assegura-se a invenção de outros corpos em fluxo contínuo sempre inacabado. Alteridade não só com outra pessoa ou cultura, mas que se dá com toda e qualquer diferença que impacta o corpo (Greiner, 2017).



A mesa das plantas não é um laboratório de análise *sobre* a vegetação, mas uma superfície de crescimento, um campo de correspondência com as plantas, onde humanos, não humanos e mais-que-humanos “se deixavam levar” mutuamente a partir de uma prática imersiva. Observar uma folha com uma lupa neste contexto não é um ato para categorizá-la, mas para seguir suas linhas – os veios, as bordas irregulares, as cores – e deixar que essas linhas guiem os traços de uma caneta no papel, os movimentos do corpo, os devaneios do pensamento. Assim, a escrita que surge não é *sobre* a planta, mas uma linha que cresce *com* a planta. Os movimentos nascem de outro movimento anterior, da mesma maneira como se dá na prática de *Contact Improvisation*. Através desse método, o dançarino não parte de um padrão de movimento codificado ou coreografado, mas de uma dinâmica coletiva marcada pela imprevisibilidade do contato (Greiner, 2017).

Ao lado da mesa, um pedestal de ferro e no topo uma máscara que cobre a cabeça inteira, feita de papel, fibra de coco, linhas emaranhadas e plantas cultivadas. Uma cabeça vegetal. Um jardim vestível. Uma obra viva!

Ao vestir a máscara vegetal, a visão é deslocada à beira da pele, à planta dos pés, tendo em vista que não é possível enxergar nada: é preciso outra corporalidade. A perda súbita da visão – sentido hegemônico na experiência humana moderna – joga o participante em um abismo de insegurança. O tato, a audição e o olfato, agora aguçados, não traduzem imediatamente um mundo acolhedor, mas um ambiente estranho, cheio de obstáculos imprevistos. O corpo, habituado ao comando e à previsibilidade, confronta-se com sua própria lentidão, seu desequilíbrio, sua dependência de outros sentidos que foram subjugados. Esse *exercício de vegetalização* expõe, na pele, a violência epistêmica do projeto humano de dominação: ao tentar ser planta, percebe-se o quanto o próprio corpo humano foi disciplinado, acelerado e afastado de ritmos orgânicos mais sutis. A outra corporalidade não se oferece facilmente; ela precisa ser negociada num campo repleto de hábitos encarnados. A máscara, então, longe de ser apenas um jardim vestível, torna-se um dispositivo que tensiona a noção de performance de ser humano. Neste caso, a obra *Vitaloceno*, de Mariana Vilela, torna-se extensão da mesa e o participante pode abrir-se a outros sentires e sensações. Um exercício

de vegetalização do humano. Não se trata de antropomorfizar a planta, mas de permitir que o humano seja atravessado pela lógica vegetal: lenta, subterrânea, fotossintética, simbiótica. Isso tensiona diretamente a noção de corpo. A cabeça, sede do pensamento humano, é ressignificada como um vaso, um terreno, um hospedeiro para outras formas de vida. O corpo humano se torna corpo-território, corpo-ecossistema.

A mesa com as plantas tem um caráter performativo – assim como todas as outras – que convocam o corpo dos participantes e o corpo das coisas para acreditar na dimensão artística, como apresentada nas Figuras 14 e 15, agindo na tecitura de campos de afetos (Greiner, 2017). Com isto, fortalece-se a aposta na sensibilização de corpos humanos que são devastados e atingidos pelos impactos de um projeto moderno de “civilização”, centrado no extrativismo e no “progresso”, que cega todos os órgãos sensoriais vitais e cria corpos insensíveis, acostumados à violência (Ribeiro, 2023).

Figuras 14 e 15 – Mesa de trabalho com as plantas. Registros das autorias realizados na residência artística Perceber-fazer floresta II, na cidade de Campinas, em 2024.





## Considerações para nos encantarmos... com mesas de trabalho

“O mundo é grande, vasto e cheio de vida assertiva”, anuncia Donna Haraway (2021, p. 42) ao pensar no emaranhado de espécies companheiras que vamos tecendo em nossas trajetórias. Nas mesas de trabalho, buscamos evidenciar a potência criadora e criativa possível nessa metodologia de pesquisa e de produção artística que acontece em tempos de precariedade e ruínas. Percebemos que é com a ativação e engajamento de nossos corpos – humanos, não humanos e mais que humanos –, em performances multiespécies, que ganhamos velocidades para experimentar caminhos possíveis.

Consideramos isso fundamental diante de um tempo de catástrofes que envolve a sensação de que não há mais o que esperar senão o fim. Em meio a um clima de inércia e de anestesia, as mesas de trabalho nascem a partir da preocupação com epistemicídios em curso, os quais estão atrelados às mudanças climáticas, já que “Migrações, explosões de desigualdades e Novo Regime Climático: trata-se da mesma ameaça” (Latour, 2020, p. 19). Porém, mais do que ficar na lógica da denúncia, desejamos criar caminhos possíveis, em suas pequenezas, em suas micropolíticas, em seus contágios afetivos. Como ressalta Anna Tsing, “[...] precisamos de uma política com força para criar coalizões que sejam mutáveis e que incluam a diversidade – e não apenas para humanos” (2022, p. 209). Por isso, as mesas pressupõem a florestania (Krenak, 2022) como gesto político diante do Antropoceno, ativando encontros entre artes, ciências e filosofias, reflorestando imaginários, proliferando múltiplos modos de existir junto entre heterogêneos, criando agrupamentos mobilizados a partir de uma causa comum. A florestania não é um dado ou uma característica das mesas de trabalho, mas antes uma eterna busca, um chamado a seguir com as florestas como um problema e uma potência a ser experimentada coletivamente.

Com as mesas de trabalho, percebemos os seres, as coisas, os corpos, os fenômenos, as ideias sempre se fazendo, em processo contínuo de performance com o que já são, com o que podem se tornar e com o que não são mais. Sentimos como “As ideias são produzidas na mente e, ao mesmo tempo, a mente é produzida através delas em um *continuum* entre corpo e ambiente” (Greiner, 2017,



p. 41). A convocatória é para reativar o encantamento com as coisas, com os seres, com os corpos, com os encontros, com os contatos, com a vida proliferante em meio ao risco de vertiginosa extinção e degradação. Para reencontrar a aptidão para devir com os materiais-seres-coisas-forças-mundos, “[...] trabalhar como modos singulares de agir que, por sua vez, são modos de sentir e de se constituir” (Greiner, 2017, p. 41).

Eis uma oportunidade com as mesas de trabalho: fazer, em emaranhados e performances multiespécies, o imprevisível. Perceber-fazer florestas entre heterogêneos, dialogando, divulgando, educando e comunicando ciências, artes e culturas em modos disruptivos, singulares, sutis. Com os pássaros, com os sapos, com os vírus, com as plantas e tantos outros seres que fazem mundos conosco, mesmo em tempos de ruínas e precariedades. Esse é um convite a ficar com os nossos problemas mundanos, carnais, fabulando com os mesmos, engajando-nos coletivamente.

As mesas de trabalho não são uma resposta final para os tempos de ruínas e de precariedades. Elas são, antes, um convite a ficar com o problema (Haraway, 2023), a seguir com a questão que nos convoca Krenak (2022, p. 65): “[...] como fazer a floresta existir em nós, em nossas casas, em nossos quintais?”. Em nosso caso, como fazer a floresta existir nas universidades, nas aulas, nas práticas de extensão e de pesquisa, nas experimentações artísticas, nas galerias e centros culturais, nos espaços de vida, de desejo e de coexistência? Como perceber-fazer florestas em nossas escritas, em nossas criações coletivas, em nossos corpos e em nossos modos de pensar, sentir e agir? Algumas pistas foram lançadas nestas escritas, esperamos que elas possam se pulverizar e contagiar quem com elas se encontre, com afetos potentes.

## Referências

ARANHA, Natália. *Comunicação e estudos multiespécies diante do Antropoceno: o caso dos sapos*. 2024. Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica e Cultural) –Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2024. Disponível em: <https://www.repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1393383>. Acesso em: 05 fev. 2026.



ARANHA, Natália; DIAS, Susana Oliveira. Seguir os sapos por meio das mesas de trabalho: movimentos e afetos na residência artística "Perceber-fazer floresta II". In: RIBEIRO, Alessandra; MIRANDA, Emanuely; PESTANA, Fernanda; MAUS, Lilian; MARIN, Sigifredo; DIAS, Susana; SALES, Tiago (Org.). *Morada Floresta*. Campinas: ClimaCom, 2024a. p. 209-223. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/livros-principal/morada-floresta/>. Acesso em: 05 fev. 2026.

ARANHA, Natália; DIAS, Susana Oliveira. Seguir os sapos: artes, ciências e catástrofes. *Porto Arte: Revista de Artes Visuais*, Porto Alegre, v. 28, n. 50, 2024b. DOI: <https://doi.org/10.22456/2179-8001.141890>

BARROS, Manoel. *Menino do Mato*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2022.

BELLINI, Larissa; MIRANDA, Emanuely; DIAS, Susana. Escrever (com) os pássaros: fazer ninhos diante do Antropoceno. In: BRITO, Maria dos Remédios de; ALVES, Lindomberto Ferreira (Org.). *Desejar o menor das grafias, ensaiar escrituras outras desde aí*. [eBook]. Belém: Editora do PPGARTES | UFPA, 2024, p. 99-118.

CARDOSO, Thiago Mota. A arte de viver no Antropoceno: um olhar etnográfico sobre cogumelos e capitalismo na obra de Anna Tsing. *ClimaCom*, Campinas, n. 6, v. 14, p.23-42, 2019.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. (vol. I). 2. ed., Rio de Janeiro: Editora 34, 2011.

DESPRET, Vinciane. *O que diriam os animais?*. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

DIAS, Susana Oliveira. Um caminhar multiespécies: mesas de trabalho como modos de habitar artes, educações e comunicações diante do Antropoceno. *Revista Digital Do LAV*, 2023, Santa Maria, v. 16, n. 1. p.1-22, <https://doi.org/10.5902/1983734884146>

DIAS, Susana Oliveira. Mesas de trabalho a céu aberto. *ClimaCom*, Campinas, v. 9, s.p., dez. 2022. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/mesas-de-trabalho/>. Acesso em: 05 fev. 2026.

DIAS, Susana Oliveira. Perceber-fazer floresta: da aventura de entrar em comunicação com um mundo todo vivo. *ClimaCom*, Campinas, v. 7, n. 17, p. 1-22, Jun. 2020. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/susana-dias-florestas/>. Acesso em: 05 fev. 2026.

DIAS, Susana Oliveira; BRITO, Maria dos Remédios de. A arte pública diante do Antropoceno: experimentações em "mesas de trabalhos". In: FUREGATTI, Sylvia; BASSANI, Thiago Samuel; SEQUEIRA, Alexandre. *Arte pública no Brasil: convergências e dissensos*. Campinas, SP: IA/UNICAMP, 2022. p. 201-210. Disponível em: <https://geapbr.files.wordpress.com/2023/03/anais-geap-br-2022-3.pdf>. Acesso em: 7 set 2025.



DIAS, Susana Oliveira; PENHA, Alessandra dos Santos (Org). *Floresta ao quadrado*. Campinas/SP: BCCL/Unicamp, 2019.

GONÇALVES, Michele Fernandes; SARMENTO, Ariana de Moraes; PREVE, Ana Maria Hoepers. Aprender a estar junto: cenas de encontros intensivos com a vida. In: RIBEIRO, Alessandra; MIRANDA, Emanuely; PESTANA, Fernanda; MAUS, Lilian; MARIN, Sigifredo; DIAS, Susana, SALES, Tiago. *Morada Floresta*. Campinas: Unicamp, 2024, p. 185-200. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/livros-principal/morada-floresta/>. Acesso em 05 fev. 2026.

GREINER, Christine. *Fabulações do corpo japonês*. São Paulo: N-1 edições, 2017.

HARAWAY, Donna. *O manifesto das espécies companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HARAWAY, Donna. *Quando as espécies se encontram*. São Paulo: UBU Editora, 2022.

HARAWAY, Donna. *Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno*. São Paulo: n-1 edições, 2023.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: Emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832012000100002>

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Editora: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral*. São Paulo: Editora: Companhia das Letras, 2022.

LAPOUJADE, David. *Willian James, a construção da experiência*. São Paulo: n-1 edições, 2017.

LATOOUR, Bruno. *Onde aterrar? Como se orientar politicamente no Antropoceno*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

PRECIADO, Paul B. *Dysphoria mundi: o som do mundo desmoronando*. São Paulo: N-1 Edições, 2023.

RUFINO, Luiz. *Pedagogia das encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

RIBEIRO, Walmeri (Org.). *Territórios sensíveis: práticas artísticas no antropoceno*. Rio de Janeiro: circuito, 2023.



SIMAS, Luiz Antonio. *O corpo encantado das ruas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

SALES, Tiago Amaral; DIAS, Susana Oliveira. Devir com os vírus em mesas de trabalho. *ClimaCom*, Campinas, v. 11, n. 27, s/p., dez. 2024. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br//devir-com-os-virus2>. Acesso em: 02 fev. 2025.

SALES, Tiago Amaral; DIAS, Susana Oliveira. Devir com os vírus no Antropoceno: divulgações científicas menores em mesas de trabalho. *Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio*, [S. L.], v. 18, n. nesp.1, p. 731-751, 2025. <https://doi.org/10.46667/renbio.v18inesp.1.1973>. Disponível em: <https://renbio.org.br/index.php/sbenbio/article/view/1973>. Acesso em: 2 fev. 2026.

SALES, Tiago Amaral; RIGUE, Fernanda Monteiro. Fabulando estórias e poéticas com os vírus: experimentações (e)m educações multiespécies. *Linha Mestra*, Campinas, v. 19, n. 56, p. 291-302, maio/ago. 2025. Disponível em: <https://www.lm.alb.org.br/index.php/lm/article/view/1552/1342>. Acesso em: 02 fev. 2026.

SALES, Tiago Amaral. Travessias em poéticas virais. *Revista Feminismos*, Salvador, v. 10, n. 1, p. 487-514, 2022. <https://doi.org/10.9771/rf.v10i1.45597>. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/45597>. Acesso em: 2 fev. 2026.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. *Encantamento: Sobre Política de Vida*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2020.

STENGERS, Isabelle. *Reativar o animismo*. Trad. Jamille Pinheiro Dias. Belo Horizonte: Chão de Feira, 2017. Caderno de Leituras, n. 62.

TSING, Anna. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno*. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

TSING, Anna Lowenhaupt. *O cogumelo no fim do mundo: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo*. São Paulo: N-1 edições, 2022.

VILELA, Mariana. *Corpo-linha-selvagem, um modo de fiar com uma terra viva*. 2024. Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica e Cultural) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas., 2024.

Recebido em: 17/09/2025  
Aprovado em: 20/12/2025

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC  
Programa de Pós-Graduação em Teatro – PPGT  
Centro de Arte – CEART  
*Urdimento* – Revista de Estudos em Artes Cênicas  
[Urdimento.ceart@udesc.br](mailto:Urdimento.ceart@udesc.br)